

Entrevista

JOÃO MORGADO

João Morgado

RECONHECIDO ESCRITOR, PREMIADO NACIONAL E INTERNACIONALMENTE, ENTREVISTADO QUANDO PARTICIPOU NO FESTIVAL DE LITERATURA PORTUGUESA, DECORRIDO NA BIBLIOTECA NACIONAL DE BELGRADO, SÉRVIA.

Entrevista conduzida por

Anamarija Marinovic¹

P
&
R

1. Nas primeiras décadas do século XXI, há muitos autores que escrevem o romance histórico (António Lobo Antunes, José Saramago, Mário de Carvalho, Miguel Sousa Tavares... Deana Barroqueiro, Sérgio Luís de Carvalho). Como também escreve romances históricos, poderia explicar porque é que existe tanto interesse pelo passado histórico e qual é o papel da literatura em relação aos factos históricos (se há tendências revisionistas, as de mistificar o passado ou de o tornar mais próximo do leitor contemporâneo)?

A literatura histórica no meu país tem uma longa tradição. Tivemos cronistas fabulosos ao longo dos séculos. O romance histórico, como hoje o entendemos, terá começado no século XIX, com Alexandre Herculano, a minha grande referência... Importa sublinhar que Portugal é a nação da Europa com fronteiras definidas há

==

¹ Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado, Sérvia; CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8684-2748>.

mais tempo – desde o século XIII. O que nos deu uma identidade própria de oito séculos, e revela uma história relativamente pacífica com Espanha. Como falo neste meu livro, por loucura de um rei, Portugal colapsou e esteve sob domínio espanhol durante 60 anos (1580 e 1640), na transição do século XVI para o século XVII –, mas, ainda assim, mantivemos as fronteiras de um reino independente. O resto foi uma sucessão de casamentos diplomáticos que pacificaram as relações até hoje. A outra fronteira é o mar. Foi uma batalha contra a natureza, mas que nos levou a desvendar «novos mundos ao mundo» – como escreveu Camões. Batalhas que exigiram coragem e ciência, o estudo dos ventos e das correntes marítimas, o que nos permitiu deixar de navegar junto à costa e entrar mar adentro e conhecer a costa africana, chegar ao Brasil com Cabral, às Índias com Gama, ao Oceano Pacífico e à Ásia com Magalhães. A expansão marítima portuguesa do século XV foi tão importante como hoje é a descoberta e conquista do espaço... Por isso, é uma história que nos enche de orgulho e inspira qualquer ficcionista... Os primeiros romances visaram enaltecer o valor da pátria, endeusar os heróis, criar referências nacionais... o romance contemporâneo, por vezes, abusa de uma liberdade criativa que irrita os historiadores... e é mais crítico. Eu acho a história fascinante.

2. George Orwell dizia: «O passado é a coisa mais imprevisível do mundo, não para de se transformar»...

Quando nós mudamos as perguntas, a história muda-nos as respostas. Dá-nos outras visões. Eu, por exemplo, gosto de humanizar os heróis, dar-lhes uma personalidade. Mostrar as suas virtudes e os seus defeitos... mostrar os lados menos conhecidos da «história oficial» – que é sempre limpa, higiénica, cheia de álcool-gel. Por exemplo: Vasco da Gama é o nosso grande herói da expansão marítima, mas na verdade era um mau carácter. A história fala da sua viagem à Índia, mas omite uma outra viagem que ele fez... por ser pouco digna. Quando escrevo sobre isso, não é para denegrir os heróis nacionais, é para dizer que eles eram homens como nós, com defeitos, com fraquezas humanas... creio que é isso que lhes dá valor. Se fossem deuses, não teria tanto valor o que de facto alcançaram... esse é o meu papel na literatura, surpreender as pessoas, dando o *lado B* da história e o contexto em que tudo se passou. É uma literatura de pessoas frágeis, que se excederam, e por isso – como também escreveu Camões – da lei da morte se libertaram. Ainda hoje falamos nelas!

3. Poderia explicar-nos como é que surgiu a ideia d'O livro do império e dar-nos uma ideia sobre o contexto histórico e a situação em Portugal naquele momento (a sociedade, a Igreja a cultura)?

Os lusíadas de Luiz Vaz de Camões são para o mim «O livro do império». Um livro do século XVI, mas que nos retratou como povo. Foi publicado, faz este mês 450 anos. Este livro é a grande referência da nossa literatura, e Camões é o único poeta que tem um dia nacional, «10 de Junho» – Dia de Portugal e de Camões. Para nós tem a importância de Homero. Mas talvez aqui na Sérvia não seja muito conhecido – o que compreendo. O que não compreendo é que, apesar de tal fama, em Portugal também nada conheçam dele, ou pior, tenham uma ideia deformada. Como disse atrás, a história-oficial acaba por criar grandes mitos e afasta-se da realidade. Hoje é apresentado como um namorado, um espadachim... um herói da Marvel. *Os lusíadas* são estudados de uma forma académica, que afastou as novas gerações desta obra... já ninguém lê *Os lusíadas*, só sabem o que os outros dizem da obra. O que limita a mensagem desta importante epopeia.

Com esta obra (*O livro do império*) quis resgatar o verdadeiro Camões, um homem triste, que passou meia-vida em prisões e embarcado como militar, que viveu doente e passou fome e, ainda assim, tinha uma sede de conhecimento e uma memória fabulosa, que lhe permitiu escrever um verdadeiro compêndio de história, mitologia, geografia, botânica...

e ter um espírito crítico sobre tudo o que o rodeava. É esse farrapo humano que eu vou buscar para o meu livro... pois é esse homem sofrido que, na verdade, é merecedor de toda a glória. Ainda que, em vida, tenha sido uma glória efémera, acabou por morrer na miséria...

4. A personagem principal d'O livro do império é o poeta nacional português Luís Vaz de Camões e a sua obra Os lusíadas. Pode dizer-nos alguma coisa acerca do Camões histórico e do literário, e sobre a importância deste autor e do seu Poema para a cultura portuguesa?

Este livro é uma viagem ao século XVI, ao reinado de D. Sebastião. Vivíamos na ressaca da expansão marítima portuguesa e, ao contrário do que seria de supor, gastávamos a água a manter a fonte, ou seja: gastávamos a fortuna do império, a manter o império, com fortalezas, barcos, armas, homens... os cofres do reino estavam vazios. Para piorar tudo isto, o império estava entregue a uma nobreza corrupta, quer em Lisboa quer nas colónias, em África ou nas Índias. O jovem rei, D. Sebastião, queria redimir Portugal pelas armas, daí a ideia de invadir Marrocos, para retomar a glória perdida... é por então que surge Camões, a contas com a justiça, doente, na miséria, a tentar remir Portugal pelas letras. *Os lusíadas* narram a viagem de Vasco da Gama às Índias, uma viagem em que são contadas todas as grandes façanhas dos portugueses, e os colocam ao lado dos deuses do Olimpo... Foi por isso um livro poético, mas

também – defendo eu – um livro político. Por comparação, também evidenciava os tempos contrários que se viviam, a corrupção na nobreza e até na Igreja Católica... era um libelo acusatório ao estado da pátria. Ganhou por isso muitos inimigos, mas também a atenção de alguns homens mais patrióticos. Talvez por isso – e disso dou conta no livro – conseguiu ter a aprovação do rei e, mais importante ainda, a aprovação do Santo Ofício, o Tribunal da Inquisição. Este é, curiosamente, um livro salvo pela inquisição... Marcou a literatura portuguesa pela sua qualidade poética, mas também porque procurou depurar a língua portuguesa dos latinismos e do castelhano e unificar a grafia de certas palavras. É quase o fundador do nosso português...

5. Para além deste livro, o João escreveu outros romances históricos: Índias, sobre Vasco da Gama, Vera Cruz, sobre a história do Brasil, e Fernão de Magalhães e a Ave-do-Paraíso. Pode descrever-nos cada um deles, dando uma ênfase particular ao último, sendo que este ano se comemoram os 500 anos da circum-navegação do mundo pela expedição de Magalhães e Elcano?

Portugal foi uma escola de navegadores. Para isso não bastou apenas coragem. Foi sobretudo uma escola de conhecimentos, de ciência... foi isso que nos permitiu tantas glórias. Conhecíamos como ninguém os mares, os ventos, a arquitetura de construção de barcos, a construção de canhões potentíssimos... esta é uma parte menos falada, mas talvez a mais

importante. Depois tivemos homens de «barbaria», ousados, destemidos, que deram corpo a verdadeiras aventuras. Se foi difícil chegar ao Brasil, ou às Índias... Magalhães teve a maior prova de todos os navegadores portugueses. Navegou em mares nunca dantes navegados, rumo ao desconhecido, enfrentando tempestades e condições climatéricas como ninguém... Foi além do humano para chegar à Ásia, rumando pelo Ocidente – concretizando o que Colombo apenas sonhara. Provou experimentalmente o redondo da Terra e revelou, pela primeira vez, o perímetro aproximado do planeta. Navegando sob condições inóspitas, como nenhum outro no seu tempo, navegou para sul e foi o primeiro a alcançar a Terra do Fogo, no extremo sul do continente americano. Após ter descoberto o estreito que leva o seu nome, «Magalhães», atravessou esse continente e foi o primeiro navegador no mar do Sul, a que chamou «Oceano Pacífico». Podemos dizer que concluiu o grande ciclo da expansão marítima, iniciada um século antes. Tal só foi possível pela sua personalidade intrépida e ousada, pelos conhecimentos e experiência de uma vida dedicada ao reino de Portugal.

6. Para além dos romances históricos, o João escreve contos, poesia, obras intimistas, etc. Onde se inspira e como escolhe os temas para obras e géneros tão diferentes?

Espero chegar à Sérvia com os meus romances contemporâneos. Dar-me-ia muito prazer.

Defino-me como um escritor plural – escrevo em diferentes registos, com diferentes estilos, diferentes linguagens... Na poesia e nos romances contemporâneos dizem que tenho uma sensibilidade feminina, nos romances históricos dizem que não tenho coração. De Fernando Pessoa diziam que eram heterónimos, de mim dizem apenas que sou louco...

Um escritor português, Miguel Torga, dizia que um escritor tem de vir da vida para a literatura. Eu sou pior que um gato, sou uma pessoa que já viveu muitas vidas, quer em termos profissionais, económicos, sociais, políticos, amorosos... essa é a matéria-prima de tudo. Sempre digo que a literatura é reciclagem. Pegamos em tudo o que vivemos, o que temos desordenado na nossa cabeça e coração, e depois moldamos coisas novas, personagens que ganham vida... por exemplo, passei uns tempos em Macau. Uma jornalista perguntou-me: o que leva de Macau? E eu respondi: não sei. Saberei quando começar a escrever. Uns tempos mais tarde es-

crevi *Contos de Macau*. Quem sabe, amanhã... escrevo contos de Belgrado? Mas se me perguntarem hoje, ainda não sei o que Belgrado plantou em mim. Saberei mais tarde.

7. Por último, gostaria de deixar alguma mensagem para o público sérvio?

Este ano comemoram-se os 140 anos de relações diplomáticas luso-sérvias, bem como várias efemérides importantes em Portugal: os 500 anos da circum-navegação do Mundo e os 450 anos da publicação d'*Os Lusíadas*, por exemplo. Comemorar estas datas significa conhecer a nossa história e fortalecer as relações entre os nossos dois países, que se conhecem pouco, mas que, certamente, irão conceber-se mais e melhor no futuro, e iniciativas como o festival de literatura portuguesa PortugaLivre são bons passos neste caminho de mútuo conhecimento e respeito. Gostaria de agradecer à Embaixada de Portugal, à editora Čigoja štampa de Belgrado, à Biblioteca Nacional da Sérvia, e a si, por terem tornado este nosso encontro possível. Espero que seja o primeiro entre muitos. Estou muito grato por tudo e gostaria de salientar que, com muito gosto, voltarei sempre a Belgrado. Conte comigo para futuras colaborações.